

A ONOMASIOLOGIA NO LÉXICO E NA SINTAXE

Ataliba T. de Castilho
Enzo Del Carratore

I

INTRODUÇÃO

O presente relatório compõe-se de três partes distintas: uma introdução, em que se procura definir a onomasiologia, mostrando os principais pontos teóricos que a fundamentam, e resenhando brevemente as discussões que se travam atualmente a seu propósito; a segunda e terceira partes, redigidas pelos professores Dr. Enzo Del Carratore e Ataliba T. de Castilho, relatam os resultados da aplicação desse método a dois campos distintos: o do léxico e o da sintaxe do verbo.

* * *

Como parte da Semântica, a Onomasiologia, assim como a Semasiologia, que lhe é o complemento, é o resultado de uma das tendências mais marcantes da evolução da Linguística na transição do séc. XIX ao séc. XX: a transferência do centro das investigações, que passa do **som** à **palavra**. Em outros termos, é o triunfo da Lexicologia sobre a Fonética (1). Ao mesmo tempo, uma preocupação de ordem estrutural encontra-se nos fundamentos do método onomasiológico, pois, tomando como ponto de partida uma noção qualquer, procura êle atingir as diferentes designações com que aquela noção encontra expressão na língua, examinando "uma multiplici-

(1) V. KURT BALDINGER — "Sémasiologie et Onomasiologie", in *Revue de Linguistique Romane*, vol. XXVIII (1964), 249-250. Preparamos 'desse artigo uma tradução que foi publicada no nº 9 de nossa revista *Aífa* (Março/1966); também do mesmo autor — *La Semasiologia*, Rosário, Universidad Nacional del Litoral, 1964 [o original data de 1957].

dade de expressões que formam um conjunto" (2). É, portanto, fundamentalmente a investigação das formas a partir dos conceitos. Esta afirmação, de si tão clara e simples, encerra todavia tensões de certa magnitude que importa referir, o que passamos a fazer, de modo sucinto.

A onomasiologia, que existia já em fins do séc. XIX (3), tomou impulso decisivo com o desenvolvimento da Geografia Lingüística, cujo grande representante foi J. Gilliéron, e com o movimento intimamente relacionado com esta, a chamada corrente das Palavras e Coisas ("Wörter und Sachen") (4). A motivação principal que levou a Geografia Lingüística a adotar e desenvolver a Onomasiologia foi o grande número de termos regionais recolhidos pelos inquéritos Lingüísticos e que reclamava dos dialetólogos um método capaz de avaliar-lhes a extensão e a profundidade, encarando-os de modo orgânico; sòmente assim se poderia compreender o homem regional em profundidade, através de seus meios de expressão.

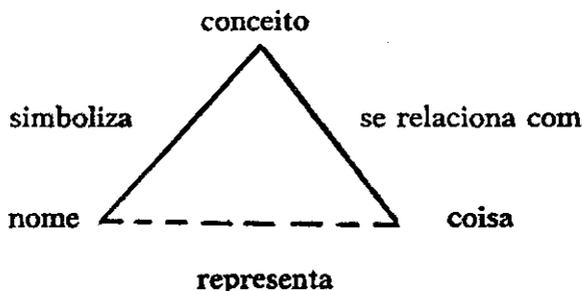
Renunciou-se assim à fácil e dispersiva catalogação do vocabulário segundo a ordem alfabética, surgindo estudos monográficos em tórno de determinados traços culturais e sua expressão lingüística; na segunda parte dêste relatório enumeraremos os que são do nosso conhecimento.

Devem ser também lembradas como fundamentadoras de uma visão onomasiológica da língua as afirmações com que

-
- (2) Kurt Baldinger — "Sémasiologie et Onomasiologie", 250; essa "preocupação de ordem estrutural" deu origem ao estudo dos campos lingüísticos, desenvolvido especialmente por J. Trier. Estudo análogo é o dos campos noçionais ("champs notionnels"), iniciado na França por G. Matoré com sua lexicologia social. Cf. B.E. Vidos — *Manual de Lingüística Românica*. Madrid, Aguilar, (1963) pp. 66-71.
- (3) O primeiro trabalho onomasiológico é o de C. Salvioni — *Lampyrus Italica*. Saggio intorno ai nomi della lucciola in Italia. Bellinzona, 1892, seguindo-se o trabalho de E. Tappolet, de 1895, sòbre os nomes de parentesco nas línguas românicas. Note-se que nestes dois trabalhos não aparece o termo onomasiologia; no de Tappolet aparece o de "vergleichende Lexikologie" (lexicologia comparada), como continuou sendo chamada durante algum tempo. O primeiro que menciona expressamente o termo é A. Zauner, num trabalho de 1902. Sòbre estas e outras indicações bibliográficas, bem como para um excelente quadro de conjunto do assunto, veja-se Vidos, *op. cit.*, pp. 58-85.
- (4) Há sòbre isto no campo português o trabalho de J. G. Herculano de Carvalho — *Coisas e Palavras*. Alguns problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas da debulha na Península Ibérica, Coimbra, 1953.

alguns estudiosos do comêço do século procuraram renovar os estudos gramaticais, preconizando uma abordagem diversa da que até então se adotava; devem ser aqui mencionados Charles Bally, Otto Jespersen e Ferdinand Brunot (5).

A Onomasiologia representa também uma das abordagens do signo saussuriano: sendo êle o resultado da associação da imagem acústica ao conceito, é a onomasiologia o estudo que busca atingir o signo partindo do conceito. A representação gráfica dêsses princípios foi feita por Ogden-Richards, tendo Stephen Ullmann e Kurt Baldinger retomado a matéria (6):



Podem-se divisar duas fases na aplicação da onomasiologia; na primeira fase, verificou-se a exclusiva preocupação com as formas expressivas de um conceito dado, deixando de lado maiores considerações sôbre a natureza mesma do conceito investigado.

Duas acusações pesam sôbre os representantes desta primeira fase: prática de apriorismo e rompimento da “consustancialidade” do signo saussuriano, “heresia” que consiste em ignorar a natureza bifronte do signo, tantas vêzes comparado a uma fôlha: quem a talhar de um lado, corta irremediavelmente o outro.

A fim de conjurar êsse perigo, surgiu a segunda fase da

(5) Comentados no trabalho do primeiro dos autores, “Sintaxe do Verbo e Tempos do Passado em Português”, *Alfa* 9 (março de 1966).

(6) Stephen Ullmann — *Précis de Sémantique Française*. Berne, Editions A. Francke S. 1952, p. 22. Quanto a Kurt Baldinger, v. nota 1.

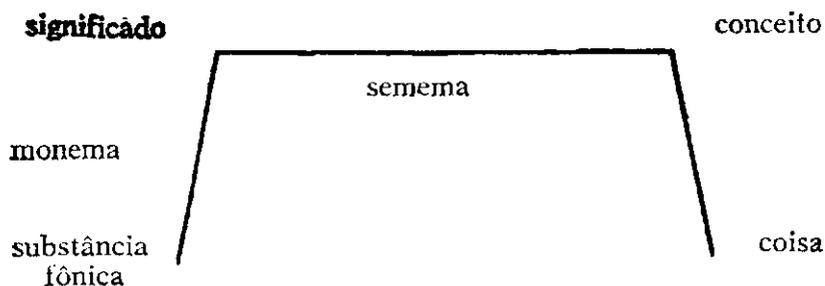
aplicação da onomasiologia, marcada pelas disquisições em torno da natureza dos conceitos e por tentativas de classificação desses mesmos conceitos.

A classificação foi tentada por Rudolf Hallig e Walther von Wartburg num livro que tem suscitado muitos debates e do qual saiu recentemente a segunda edição (7). Defendendo a necessidade e a exequibilidade de dicionários ideológicos, os autores afirmam, em síntese, o seguinte: 1) que o dicionário ideológico classifique só conceitos; compondo-se a palavra de duas partes inseparáveis, o conceito e a imagem acústica, importa nestas circunstâncias investigar apenas o primeiro, que é mais estável e mais tendente à generalização do que a simples significação da palavra, sujeita que se acha às associações de idéias efetuadas por cada indivíduo. O conceito é assim uma sorte de quintessência da significação, podendo por isso ser considerado como entidade superior à palavra. E como pode ser captado facilmente pelo espírito humano, pode servir de base a uma classificação dos vocabulários. 2) Tais conceitos não devem ser apreendidos através de operações lógicas, devendo-se recolher unicamente os que existem na língua antes da introdução da ciência, ou seja, precisamente aqueles “aos quais qualquer ciência precisa reportar-se antes que possa, mediante a acumulação de conhecimentos e o avanço das pesquisas, criar seus próprios conceitos” (p. 33). Como classificar os conceitos? “Adotando o próprio plano que deu lugar aos conceitos” e acompanhando o modo de ver pré-científico de um indivíduo médio (p. 35). Usou-se portanto o método fenomenológico entendido simplesmente como “classificação e assimilação de objetos empíricos, i.é, devidos à experiência” (p. 88). Procedede-se, em suma, a uma verdadeira seleção dos conceitos representativos de um mundo organizado (pois não se aceita que o mundo seja um caos), dispondo-os de modo a que se atendam às suas inter-relações e permitindo que um conceito flua naturalmente de outro, dentro de um critério marcadamente associativo. Daqui uma tripartição orgânica e coerente dos conceitos: A) O Universo (o céu e a atmosfera; a terra; as plantas; os animais). B) O Homem (o homem, ser físico; a alma e o intelecto; o homem, ser social; a organização social); C) O Homem e o Universo (o **a priori**, a ciência e a técnica).

(7) *Système raisonné des concepts pour servir de base à la Lexicographie*, 2ª ed. Berlin, Akademie Verlag, 1963.

Devem ser igualmente lembrados os trabalhos de William E. Bull (veja-se a terceira parte) e de Klaus Heger, que se situam nesta segunda fase dos estudos onomasiológicos que vimos tentando caracterizar.

Ainda recentemente, aprofundou K. Heger seus pontos de vista, num artigo de fundamental interêsse para o estabelecimento das bases teóricas da onomasiologia. Nêle, partindo o autor de uma crítica sólida e bem fundamentada a alguns dos postulados teóricos do "Begriffssystem" de Hallig-Wartburg, mostra a inadequação do célebre triângulo de Ogden-Richards ao plano da metodologia lingüística, propondo a sua substituição por um trapézio composto de seis elementos:



Como é fácil verificar, Heger desdobrou o ângulo superior da metáfora geométrica de Ogden-Richards — e dos outros que a retomaram —, em três pontos; assim, o primitivo "conceito" fica subdividido em: significado, semema e conceito. Para não sobrecarregar o texto, remetemos diretamente o leitor ao artigo citado na nota (8).

II

A ONOMASIOLOGIA NO LÉXICO

Inicialmente, além das considerações teóricas expedidas na parte introdutória, gostaríamos de relacionar, a título de informação, alguns trabalhos que resultaram da aplicação do

(8) "Les bases méthodologiques de l'onomasiologie et du classement par concepts", *Travaux de Linguistique et de Littérature*, III, 1 (1965), 7-32.

método onomasiológico ao campo do léxico, de interesse para o português (9).

Empreendemos recentemente um estudo sobre uma área limitada do léxico latino — mais próximo de nossos interesses —, e precisamente sobre as palavras de origem grega que se encontram no latim dos fins do III e começo do II século, tendo escolhido para efetuar o levantamento a obra de Plauto (10).

-
- (9) Vittorio Bertoldi enumera vários desses trabalhos no verbete "Onomasiologia" que escreveu para a *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere e Arti*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani, 1935-1943, distribuindo-os pelos seguintes grupos: nomes de parentesco; partes do corpo humano; estações, meses, festas do ano; defeitos físicos; idade; fenômenos naturais, flora, fauna, configurações do solo, vida e ocupações rurais, usos e costumes, alimentos e vestuário, vida e meio de comunicações. Heinz Kronasser efetuou trabalho semelhante, adotando a seguinte ordem no relacionamento dos trabalhos até então publicados: O Homem (O destino, a doença, o parentesco), Religiões, Espírito e Alma, Tempo e Espaço, Cór, Animais e Aves, Natureza Inanimada e Utensílios, Diversos. Cf. *Handbuch der Semasiologie*. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1952, pp. 74-75 (nota 64); v. também *Os Estudos de Lingüística Românica na Europa e na América desde 1939 a 1948*. Coimbra, Casa do Castelo, Editora, 1951, pp. 12, 82-84, 165, 167, 194, 196, 328-329, 410-411. M. C. Múrias de Freitas, "A expressão da dor no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende", *Miscelânea a Adolfo Coelho*, I, 1949, 287-295. Delmira Maçãs, "As designações das perturbações mentais em português", *ibid.*, II, 12-32. M. C. Múrias de Freitas, "Palavras e expressões sobre vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende", *BFil*, VII, 67-88, 93-120; IX, 121-149 (1948). Olaf Deutschmann, "Formules de malédiction en espagnol et en portugais", *BFil*, X, 1949, 215-272. A. S. Viana d'Alvarenga, "Algumas designações da cabeça humana na linguagem popular e no calão", *BFil*, XIII, 1952, 257-272. Karl Jaberg, "Géographie linguistique et expressivisme phonétique: les noms de la balance en portugais", *RPF*, I, 1947, 1-44. M. Paiva Boléo, Aditamento ao artigo anterior, *RPF*, I, 1947, 45-58. S. Silva Neto, "Notas sobre o balouço", *RBF*, II, 1, 1956, 41-50. Wilhelm Gliese, "El proceso de la caña de azucar en Paraíba", *RBF*, II, 1, 1956, 1-16. Heinrich A. W. Bunse, "A terminologia da cana de açúcar no Rio Grande do Sul", *RBF*, III, 2, 1957, 183-192. U. V. Gama Sales, "Pandorgas", *RBF*, II, 2, 1956, 197-201. S. Silva Neto, "Breve nota filológica (a respeito de Pandorgas)", *RBF*, II, 2, 202-205. Fernando A. Lemcs, "Pipas", *RBF*, VI, 1, 1961, 115-125. H. Bunse, "Algumas notas sobre a pesca e pescador num trecho do litoral sul-brasileiro". *RBF*, IV, 1-2, 1958, 37-73. Angela M. A. Oliveira, "A cultura da vinha na Bairrada", *RBF*, V, 1-2, 65-113; VI, 1, 128-133. E. A. von Bugenhagen, "A etna no Nordeste", *Kriterion*, XII, 1959, 54-67. H. Bunse, "Notas lingüístico-etnográficas sobre a erva-mate no RGS", *Ogamon*, IV, 4, 1960, 59-75. A. R. Silva Barbosa, "Nomenclatura do carro alentejano", *RLu*, XXXVI, 236-244. Fernando F. Machado, "Nota sobre a cabaça em Portugal", *RLu*, XXVIII, 281-283. Cláudio Easto, "Nomes das agulhas secas", *RLu*, XIX, 258-269.
- (10) Foi o assunto de nossa tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, em 1965 — *Helenismos léxicos na obra de Plauto*.

Não é nossa intenção apresentar aqui tal trabalho em forma de resumo, senão apenas apontar em alguns poucos casos concretos a utilização do método onomasiológico, para em seguida tecer algumas considerações quanto às vantagens de sua aplicação e às perspectivas que se abrem para os estudos lexicológicos em nosso país.

Bem conhecidos são os processos e as causas da introdução de helenismos no léxico latino; o que importa aqui é a consideração do fato de que ela se deu em diversas e sucessivas épocas, e, mais ainda, o fato de que Plauto introduziu, ou conservou (11), numerosos helenismos em sua obra. É evidente que tais helenismos abrangiam as mais extensas e variadas áreas do conhecimento e da atividade humana. Visto que uma pesquisa voltada para o estudo da totalidade daquelas contribuições léxicas sem critérios lógicos de classificação levaria a resultados dispersivos e fragmentários, tornou-se necessária a subdivisão do abundante material em setores, em campos lingüísticos ou onomasiológicos *lato sensu*, investigando-os em sincronia.

Desta forma, podemos examinar o vocabulário de origem grega relativo à navegação, à alimentação, ao vestuário e ornamentação, aos utensílios domésticos, ao teatro, ao esporte, aos negócios, à técnica, à medicina, à zoologia, além de termos outros de difícil classificação em qualquer dos campos acima enumerados.

Uma ressalva decorrente do que foi aqui apontado deve ser feita de antemão: o método onomasiológico não foi aplicado em sentido estrito, pois a rigor não se procurou investigar as diferentes designações para um objeto, ou um conceito fixo e bem delimitado; procurou-se aplicá-lo em sentido *lato*, isto é, a partir de um campo conceitual genérico que abrangesse uma multiplicidade de conceitos específicos, que encontraram sua expressão na língua de Plauto através de palavras tomadas de empréstimo ao grego.

Tentaremos apresentar alguns exemplos.

(11) Sendo a comédia *palliata* latina um reflexo mais ou menos direto da comédia nova grega, é lícito supor, embora nossa opinião seja diversa, que os helenismos plautinos constituam uma herança dos modelos de que êle se serviu para elaborar suas peças. Para os nossos fins, entretanto, uma tomada de posição num ou noutro sentido é praticamente indiferente.

Entre os têrmos relativos   navegação tomemos os helenismos empregados por Plauto para designar o “navio”. Encontraremos, além do t ermo latino **navis**, os helenismos **carina** < gr. **k aryon** (t ermo que daria margem a interessantes considerações de natureza semântica), **celox** < gr. **k eles** (que também apresenta um problema morfo-semântico), **cercurus** < gr. **k erkuros**, **lembus** < gr. **l embos**, **scapha** < gr. **sk aphe**. Temos, pois, seis palavras que representam a formalização pela língua de um conceito — “navio”.

Outros exemplos dêste tipo poderiam ser fornecidos: entre os têrmos relativos aos utensílios domésticos, queremos saber como os romanos helenizados das peças de Plauto designam o recipiente usado para beber, o “copo”. Vamos encontrar, ao lado do t ermo latino **poculum**, os helenismos **anancaeum**, transliteração do gr. **anank aion**, envolvendo uma questão de natureza semântica; **batioca** < gr. **batt ake**, **cantharus** > gr. **k antharos**, **cyathus** < gr. **kyathos**, **epichysis**! > gr. **ep ikhy-sis**, **gaulus** < gr. **gaul s**, **hemina** > gr. **hemina**, **scaphium** > gr. **skaph ion** (apresentando um problema semântico), **scyphus** < gr. **skyphos**, isto  , dez palavras para representar o conceito “copo”.

Seria fácil multiplicar exemplos da mesma natureza, mas preferimos não nos estender neste aspecto, fazendo antes uma ligeira apreciação dos resultados do método empregado.

 le permite ter de imediato uma visão, não mais dispersiva e fragmentária, mas de conjunto, das contribuições que uma língua fornece a outra (no caso específico, que o grego forneceu ao latim) no domínio do léxico. Vemos desta forma os campos ling isticos que s o mais afetados pelos estrangeirismos numa determinada época; no nosso caso, os campos relativos ao vestuário e ornamentação,   alimentação e aos utensílios domésticos, o que por sua vez nos fornece significativas indicações sôbre a natureza popular d esses empréstimos. Levando-se em conta os conhecimentos que temos da heleniza  o progressiva de Roma e das camadas da população hel nica que ali a efetivaram, no período de tempo considerado, veremos que os dados ling isticos vêm ao encontro dos dados histórico-sociais.

Se confrontarmos uma série de trabalhos realizados de acôrdo com êste método no plano sincr nico sôbre os outros autores das diversas épocas, teremos uma seq ncia de cortes

horizontais que nos dariam uma visão histórica, diacrônica, do contingente grego no léxico latino. Isto nos proporcionaria uma visão não apenas global desse contingente, mas uma visão que salientasse os campos mais influenciados, e as razões de ordem lingüística e cultural para explicar o fenômeno.

Outro aspecto que gostaríamos de abordar é o problema das relações recíprocas entre a estrutura onomasiológica e a estrutura semasiológica de uma língua. Baldinger nos mostrou muito bem o mecanismo de tais inter-relações (12); não se faz necessário acrescentar outros argumentos para provar que elas existem e são da máxima importância para a lexicologia.

Esta observação decorre do fato de que muitas palavras gregas transplantadas para o léxico latino apresentam metasssemia, ou seja, mudaram de sentido. Entramos aqui na complexa questão da polissemia, sobre a qual se fundamenta a estrutura semasiológica (a estrutura onomasiológica fundamenta-se, ao contrário, sobre a sinonímia) (13).

Assumi ênfase muito especial a partir de Saussure o conceito de estrutura em Lingüística (14): cada elemento lingüístico não pode ser considerado isoladamente, mas dentro de um contexto, quer seja êle um elemento fonético ou uma palavra; tôda palavra está por assim dizer amarrada aos demais elementos do mesmo sistema, e é dentro desse contexto, dentro desse "campo associativo" que deve ser examinada. A própria experiência empírica nos mostra a impossibilidade de, dada uma palavra qualquer, estabelecer o seu significado prescindido de um contexto; a palavra "raiz", para empregar um exemplo clássico, tem significados totalmente distintos quando empregada por um botânico, por um dentista, por um matemático, e assim por diante. Quer isto dizer que, pela atualização no plano da fala (a *parole* saussuriana), a palavra não tem autonomia. Os conceitos, por sua vez, por integrarem um sistema de oposições, são precisos; mas de sua aplicação à realidade decorre a imprecisão, que favorece o desenvolvimento semântico das palavras; perdendo-se a ligação direta e imediata da palavra ao conceito, a palavra está sujeita a receber outras significações além da primitiva, embora podendo conservar esta — é a polissemia.

(12) Baldinger — "Sémasiologie et onomasiologie", ed. cit.

(13) *Ibid.*, p. 270.

(14) Baldinger — *La Semasiologia*, p. 20 ss.

Sobre as causas e as modalidades de evolução semântica, remetemos o leitor ao trabalho já citado de Baldinger, **La Semasiología**, onde se encontra um excelente quadro da questão.

Passemos à aplicação prática, e tomemos como exemplo o latim **massa** < gr. **mâza**, na frase “Tum argenti montis, non massas habet” (Mil. 1065). Em grego o termo **mâza** significa pasta, massa, e também bolacha; em latim êle conservou o sentido original do grego, mas através da aplicação da idéia de “massa” a outros materiais além da farinha, passou a significar “grande quantidade, acúmulo, monte”, de dinheiro, no nosso caso específico do campo associativo **argenti massas**, ou de outros materiais. Isto é, o termo **massa** deslocou-se em direção ao centro do campo onomasiológico de “quantidade”, ao mesmo tempo em que a significação **quantidade** deslocou-se em direção ao centro do campo semasiológico de **massa**.

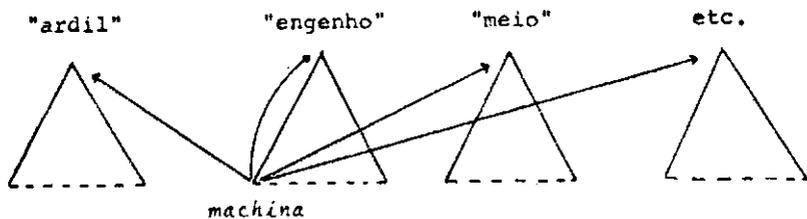
Tomemos um outro exemplo: o latim **machina** < gr. dórico **makhana**, na frase “Inde ego hodie aliquam machinabor machinam” (Bac. 232) (15). O sentido original de **makhana** era concreto: o termo servia para designar qualquer engenho construído pelo homem para vários usos — militares, teatrais, entre outros; por um processo de abstração significava também o meio de que alguém se servia para alcançar um fim, podendo daí significar artifício, plano, habilidade inventiva, e também, por restrição de sentido, truque, arдил, engano, trapaça, etc. O latim **machina** conservou sem alterações dignas de nota a estrutura semasiológica da palavra grega. Desta forma, o campo onomasiológico da idéia de “ardil” em latim enriqueceu-se com mais uma designação — **machina**.

Para mostrar a interpenetração das estruturas semasiológica e onomasiológica, novamente servimo-nos dos conhecidos modelos de Baldinger (16).

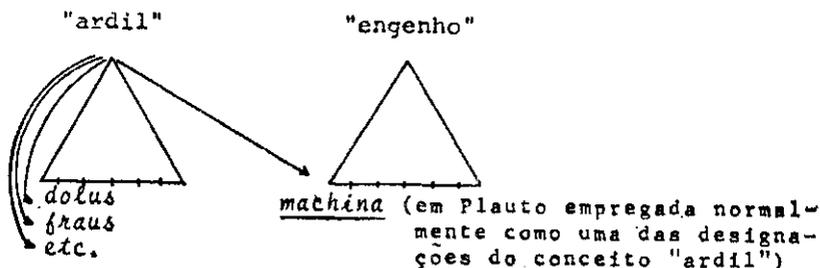
Dentro da estrutura semasiológica, uma palavra, no nosso caso **machina**, pode possuir, e normalmente possui, várias significações:

(15) Cinco vezes em Plauto aparece o substantivo *machina* e cinco vezes o verbo *machinor*, formado sobre aquêle, e sempre (ou com uma única mas discutível exceção) com o significado aqui apontado.

(16) Baldinger — “Sémasiologie et Onomasiologie”, p. 270.



Inversamente, o conceito de "ardil" é designado em latim por várias palavras — designações :



Vários outros exemplos da mesma natureza poderiam ser apresentados e serviriam para mostrar, ao lado do mecanismo de cruzamento de duas estruturas lingüísticas, a eterna fluidez da linguagem, irreduzível a normas rígidas, e o extremo e variado jôgo de associações a que o espírito criador do homem submete o léxico de uma língua. É por isso que as palavras encerram mistérios que a Psicologia da Linguagem não poderá desvendar inteiramente; é por isso também que a Semântica é a parte mais fascinante da Lingüística.

* * *

Chegamos assim à parte final da nossa informação. Como se viu, qualquer trabalho da natureza do que tentamos aqui expor independe da língua à qual se queira aplicar o método onomasiológico: nós o fizemos com os termos latinos de origem grega na obra de um autor; podemos, pois, limitar-nos à aplicação a uma única língua ou a um conjunto de línguas — as línguas românicas, por exemplo —, como sugerem os títulos de alguns trabalhos já assinalados alhures (nota 3). Apenas para complementar a informação e mostrar ambas as diretrizes da investigação onomasiológica, citaremos ao acaso, dentro da multiplicidade de trabalhos, dois artigos recentes:

um de Albert Maniet, e outro de Ionel Stan (17)”; êste último investiga a sorte dos têrmos relativos à construía nas várias línguas românicas, justificando a manuten a de uns e o desaparecimento de outros utilizando os dados da corrente “W orter und Sachen”.

Tendo o presente relatório caráter informativo, não podemos deixar de mencionar o trabalho de Bruno Quadri, de que não temos conhecimento direto, senão através de resenhas (18).

* * *

Falar em perspectivas para a onomasiologia, ou de qualquer outro ramo da Ling stica, com algumas exce es, no Brasil poderá parecer um gasto lugar-comum (tudo tem “perspectivas” em nosso país), mas a verdade   que se disséssemos que estamos na fase inicial empregari mos um eufemismo descabido — na verdade, tudo está por fazer. Parece-nos, entretanto, que não faltam as bases que podem permitir a edifica a de trabalhos sólidos e valosos: o Dr. N elson Rossi, que nos deu a honra de participar dêste I Seminário, elaborou um **Atlas prévio dos falares balanos** digno de encômios. Ora, um atlas ling stico nada mais   senão uma “cole a de mapas onomasiológicos”, para empregarmos uma feliz expressão de Vidos; o que falta   elaborar convenientemente e abundante material recolhido e organizado, estudá-lo em extensão e em profundidade, e apresentar os resultados. Iniciativas semelhantes   do nosso eminente colega da Bahia deveri m ser incentivadas, e lavados a efeito os estudos que serão o coroamento d esses longos e exaustivos trabalhos de equipe.

(17) Albert Maniet — “Frappier   la porte en latin pr classique”, *Latomus*, XXV, 1 (1966), 28-36; Ionel Stan — “Probl mes d’onomasiologie romane. Autor de la terminologie du bâtiment”, *Revue Roumaine de Linguistique*, IX, 6 (1964), 625-631.

(18) Bruno Quadri — *Aufgaben und Methoden der onomasiologischen Forschung: eine entwicklungsgeschichtliche Darstellung*, Berne, 1952. As resenhas referidas são as de E. Redard, publicada na *Revue des  tudes latines*, 1953, e de Manuel de Paiva Bol o, na *Revista Portuguesa de Filologia*, 1953-1955.

Quais os resultados e as vantagens de estudos onomasiológicos entre nós? Para responder a esta pergunta, valemos das palavras do já citado I. Stan, tão significativas em sua consisão: "Chaque ouvrage onomasiologique fait connaitre plus profondément le lexique d'une langue et le mécanisme si complexe qui s'est trouvé à la base de son évolution" (p. 625).

E não é apenas no campo da dialetologia que o método onomasiológico pode ser aplicado com proveito; basta lembrar, por exemplo, a nossa gíria que, se bem explorada, apresenta um contingente riquíssimo, praticamente inesgotável, de designações mesmo para os conceitos mais corriqueiros. Por que não investigar exaustivamente as designações que a nossa língua possui para o conceito "cabeça", desde côco até cachola, desde telha até moringa- E para o conceito "cachaca"? Como surgiram, e por que, tôdas essas dezenas de designações para conceitos como êsses, relativamente fixos?

A tôdas essas indagações a onomasiologia pode em parte responder; a semasiologia, marchando de direção oposta, é capaz de completar a sugestiva visão dos processos criadores da mente humana.

III

A ONOMASIOLOGIA NA SINTAXE

Pretende-se nesta parte referir brevemente os principais resultados a que chegamos aplicando o método onomasiológico ao estudo do aspecto verbal no português contemporâneo.

Gostaríamos de relacionar, a título de introdução, os trabalhos de nosso conhecimento que trouxeram tal método para o campo da sintaxe. E não resta dúvida que a onomasiologia foi dos melhores presentes que a sintaxe recebeu da Geografia Lingüística.

Coube a M. de Paiva Boléo a primazia na indicação desse método para os estudos da sintaxe portuguesa, em seu livro **Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa** (19).

Aplicaram-no à sintaxe da frase Marie-Louise Muller-Hauser e Maria Germina do Nascimento (20).

Quando à sintaxe da palavra, e mais particularmente, a do verbo, resenhamos em nosso trabalho citado na nota 5 o que se tem feito até aqui.

Vejam os pois como se pode dar a aplicação da onomasiologia ao estudo do aspecto verbal; iniciamos com algumas preliminares sobre essa categoria.

Não há para o português nenhum trabalho de conjunto sobre o aspecto, detendo-se a maioria dos autores nas generalidades sobre essa categoria. O mesmo não ocorre com as demais línguas românicas, notadamente o francês, contando-se às centenas os trabalhos voltados para o aspecto. Mesmo assim, não encontramos nenhum estudo específico que espousasse o método onomasiológico.

* * *

O aspecto é a visão objetiva da relação entre a ação expressa pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo, assim como o tempo é a representação linear do processo. Se a ação verbal indica uma duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer uma das categorias verbais (e no caso interessa-nos a ausência da categoria aspectual), teremos o aspecto indeterminado.

Já os estoícos haviam notado que o verbo além de tempo indicava algo mais, a que não deram denominação especial,

(19) Lisboa, Edição da Revista de Portugal, 1946, pp. 83-85.

(20) Marie-Louise Müller-Hauser — *La Mise-en-relief d'une idée en français moderne*. Genève, Droz, 1943; Maria Germina do Nascimento — "Orações e expressões não conjuncionais da condicionalidade", in *Boletim de Filologia*, t. XIV (1953), 257-275. Para algumas considerações teóricas, v. Harri Meier — "Sintaxe gramatical, sintaxe funcional, estilística", in *Boletim de Filologia*, t. VIII (1946), 121, 144.

mas que evidenciaram conhecer ao dividir os tempos gregos em duas grandes classes, a dos tempos determinados, e a dos indeterminados (aoristo e futuro). Os tempos determinados comportavam duas classes distintas: a) o presente (“tòn enestôta paratatikón”) e o imperfeito (“tòn parocheménon paratatikón”). “Paratatikós” vem de “parateímo”, “estender, desenvolver, durar”; com as palavras “enestôs” e “parocheménos”, “presente e passado”, queria-se situar a duração em diferentes perspectivas temporais; b) o perfeito “tòn enesthóta syntelikón”. “Syntelikón” vem de “synteléô”, “acabar, cumprir”. Eis aí, em suma, as noções aspectuais de duração e acabamento descritas pelos gregos.

Entre os romanos, foi Varrão o primeiro a levar em conta o aspecto, em seu **De Lingua Latina**, IX, 96, quando dividiu os tempos latinos em “tempora infecta” e “tempora perfecta”.

Coube a Georg Curtius, todavia, insistir nesses valores não temporais, o que fez em 1846, num trabalho intitulado “A Formação dos Tempos e dos Modos em Grego e em Latim”; por essa razão, Curtius é apontado como o descobridor da noção do aspecto.

Foi graças a um impulso comparatista que êle chegou a êsse resultado, pois comparou o sistema verbal grego com o eslavo no qual a noção de aspecto é particularmente vivaz, a ponto de existir uma roupagem morfológica para sua expressão. Lembre-se que conforme ensina J. Mattoso Câmara Jr., “nas línguas ocidentais modernas é que se fez do tempo o cerne do paradigma verbal e se deu ao aspecto uma apresentação subsidiária e gramaticalmente exígua, porque se acolhe mais na diferenciação léxica e em locuções ou moldes frasais” (21).

Investigando o verbo grego dêste ângulo, descobriu Georg Curtius que era possível distinguir nêle os “graus do tempo”, ou seja, o presente, o passado e o futuro, e a “qualidade do tempo” (Zeitart), que comportava três possibilidades: a) ação durativa, indicada pelas formas do tempo do presente; b) ação incipiente, expressa pelas formas do tema do aoristo e c) ação completa, representada pelas formas do tema do perfeito (22).

(21) *Uma Forma Verbal Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956, p. 16.

(22) *Grammatica della Lingua Greca*, 16.^a ed. Torinc, Edizione Chiantore, 1936, § 484.

Duas reflexões devem ser feitas sôbre a posição de Curtius quanto a êsse problema. Inicialmente, constata-se que concebia o aspecto (têrmo que viria substituir **Zeitart**) como categoria com fundamentação morfológica, mas os autores que se lhe seguiram estenderam-na como categoria semântica, sem morfologia correspondente. Em segundo lugar, nota-se que Curtius não desvinculou o aspecto do tempo, pois **Zeitart** significa “qualidade do tempo”, como se disse. Modernamente ambas as categorias são postas em oposição, conquanto se admita que coexistam numa mesma forma verbal.

Depois dessas considerações de Curtius, ganhou o estudo do aspecto relêvo especial em diferentes domínios lingüísticos, notadamente no indo-europeu, no latim, na romanística, havendo-se mesmo celebrado em 1957, na Bélgica, um simpósio sôbre a matéria, promovido pelo “Cercle Belge de Linguistique” (23).

O grande número de estudos elaborados em diversos países sôbre o aspecto, longe de encaminhar o problema a soluções razoáveis, complicou-o sobremaneira, já pela desinteligência em tôrno do que é aspecto, já pela diversidade da nomenclatura empregada, muitas vêzes mal explicada (e mal interpretada).

Seria longo expor a maneira como se deu a complicação crescente da matéria; contentar-nos-emos aqui de retratar sucintamente o mais sério conflito registrado neste campo, qual seja o verificado entre Aspecto e “Modo da Ação” (Alemão **Aktionsart**).

O verbo eslavo, como se sabe, contava com uma morfologia adequada à expressão do aspecto, dividindo-se em duas espécies materialmente configuradas, a dos verbos imperfectivos (formas simples) e a dos verbos perfectivos (formas preverbiadas). No momento em que os estudos do aspecto deixaram os quadros do eslavo e começaram a ter curso em outros campos percebeu-se que nestes ora se estava diante de realidades léxicas (pois era o semantema o recipiente da noção aspectual) ora se defrontavam realidades morfológicas (flexões e

(23) Apresentaram-se na ocasião sete trabalhos, dos quais a *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, vol. XXXVI (1958) publicou quatro; ver nota explicativa à p. 118.

perífrases). No afã de bem caracterizar essas duas vertentes da noção de aspecto, começou-se a falar de **Aspekt** e de **Aktionsart**, pois foi um alemão, Agrell, quem propôs tal divisão, em 1908.

O modo da ação (**Aktionsart**) representa uma compreensão lato sensu das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade característica do aspecto (= duração/não duração). Essa variedade decorre do fato de assentar o modo de ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de classificações diversas, levadas sempre pela perspicácia dos lingüistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento. Basta examinar as classificações das **Aktionsarten** propostas por Deutschbein em 1917 e por Schossig em 1936 para a constatação disso: noções modais como “desiderativo” e “contativo” e outras passam a ser aqui consideradas.

O aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo do falante sobre o desenvolvimento da ação, e reduz-se a uma compreensão **stricto sensu** do problema, pois se prende à representação da ação a partir do sujeito, reportando-se apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a **Aktionsart**. Daqui reduzir-se-ão as noções aspectuais a dois grupos, segundo a ação dure (aspecto imperfectivo) ou se complete (aspecto perfectivo).

O semantema do verbo expressa o modo da ação; as flexões e as perífrases expressam o aspecto.

Um grande embaraço surgiu para o mundo românico quando os franceses traduziram **Aktionsart** por aspecto, deixando intraduzido o termo **Aspekt**; a incompreensão então estabelecida quanto ao que se vinha designando por **Aspect** e por **Aktionsart**, baralhando noções que diziam respeito a níveis lingüísticos distintos (**Aktionsart**: nível semântico; **Aspekt**: nível morfológico), determinou o descobrimento de “aspectos” que nada mais eram que filigranas de significação encontradas nos verbos: “aspecto” intensivo, diminutivo, desiderativo, potencial, reflexivo, recíproco, contativo, pejorativo, benefactivo, comitativo, obrigatório, aparençial, inferencial

ou putativo, reservativo, negativo (24); Louis Roussel fala em “aspectos” de velocidade, de plenitude, de fraqueza, “aspecto” inversivo, cessativo, negativo, aditivo, desiderativo, intencional, prediletivo, reflexivo, “aspecto” de interesse pessoal, “aspecto” determinado (25). Fácil é ver-se que uma grande confusão entre aspecto e modo se ia estabelecendo (cf. as designações conativo, desiderativo e intencional [êstes propostos por L. Roussel, *o.c.*, pp. 36-37, distanciando-se o intencional do desiderativo por se poder ter uma intenção que deriva do dever e não do desejo], potencial, obrigatório) o que concorreu para que se complicasse e se enredasse a matéria. Não admira que Vaillant dissesse do sistema gramatical do aspecto que êle “reste tout encombré de sémantique” (26).

Com isto, aprofundaram-se as “diferenças” entre o aspecto e o modo da ação, tal como se êste conceito fôsse distinto do primeiro (e sabemos que o modo da ação engloba o aspecto, pois indica **também** duração e complemento); os prejuízos para o andamento da pesquisa foram enormes, pois alguns autores, talvez preocupados com o rumo que as análises semânticas estavam tomando, começam a negar a importância dos recursos semânticos para a expressão do aspecto, o que sem dúvida foi correr para o pólo oposto.

Em suma, a tradução defeituosa dos termos alemães **Aspekt** e **Aktionsart**, não só complicou a conceituação do que é aspecto (misturando-o com o modo) como também deu surgimento a uma variedade enorme de aspectos e falsos aspectos, com o que ficou conturbado o quadro respectivo, sonegando-se a presença que essa categoria tem inequivocamente na língua.

A fim de esclarecer o conflito aspecto e modo de ação, e principalmente, a fim de investigar o sistema aspectual no português contemporâneo, resolvemos pôr-nos no papel do falante que necessitasse figurar espacialmente o processo verbal e assim se fôsse valendo dos recursos que para tal fim a língua lhe põe à disposição: recursos léxicos (semantemas aspect-

(24) Noções relacionadas por Luis Cifuentes García — “Acerca del Aspecto”, *Boletín de Filología*, Homenaje a Rodolfo Oroz, t. VIII (1954), 61.

(25) *L'Aspect verbal et l'emploi des préverbes en grec, particulièrement en attique*. Paris, Klincksieck, 1939, pp. 28-38.

(26) Apud J. MacLennan — *El Problema del Aspecto Verbal*. Madrid, Gredos, 1962, p. 78.

tuais), morfológicos (flexão temporal e perifrases de valor aspectual), sintáticos (tipos oracionais e adjuntos adverbiais que suscitam no verbo a categoria procurada). Adotamos portanto o comportamento onomasiológico, passando a investigar a expressão da duração e do completamento.

Que nos revelaram os exemplos encontrados?

Quanto ao quadro de aspectos o seguinte: há três grandes aspectos na língua portuguesa: o **imperfectivo**, quando se indica ação que dura (“Crisipo, tua mulher te **engana**, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha”. Guilherme de Figueiredo — A Raposa e as Uvas, 63), o **perfectivo**, quando a ação é completa (“Uma tristeza sem fim **apoderara-se** de mim”. Ciro dos Anjos — Abdias 141) e o **iterativo**, quando há repetição de ações quer durativas (“Eu sei que **falam** de mim”) quer pontuais (**Pediam-lhe** o número, **fazia** a ligação, **escutava** a conversa”. Joaquim Paço D’Arcos — Ana Paula 89). Notei igualmente a existência de um aspecto indeterminado, que é a negação de todos os valores anteriormente enumerados, e que ocorre em especial com os tempos gnômicos (“Viúva rica, com um olho **dobra**, com outro **repica**”).

Exames mais acurados do exemplário levantado foram demonstrando que a ação completa e a ação durativa comportavam subtipos; a ação durativa podia ser inceptiva, conforme marcasse claramente o começo da ação e sua duração subsequente (“**Pôs-se a chorar** descontroladamente”); cursiva, quando seus limites não aparecem marcados, insistindo-se apenas na duração em que a ação é surpreendida; v. o exemplo do aspecto imperfectivo; **terminativa**, quando apanhamos os momentos finais de uma duração (“**Acabo de estudar** a lição”).

A ação completa pode ser **pontual** (“O menino **caiu** da bicicleta”) **resultativa**, quando se marca o resultado seqüente à ação completa (“A coisa se deu, **está dada**”. “E onde o levais a enterrar, irmãos das almas, com a semente de chumbo que **tem guardada?**”. João Cabral de Melo Neto — Vida e Morte Severina), **cessativa** quando, por estar completa a ação, insiste-se numa negação que se reporta ao presente (“Você **já foi bom**”). Naturalmente as noções de resultado e cessação não são pròpriamente aspectuais, mas assinalam a presença do aspecto perfectivo.

Ao que se devem essas noções? Primeiramente ao semantema dos verbos, classificáveis em dois grandes grupos: o dos verbos atélicos, mais numerosos, e que indicam que a ação não precisa completar-se para ter existência, e a dos verbos télicos, que indicam ação que tende necessariamente a um fim. Um verbo atélico geralmente expressa o aspecto imperfectivo; um verbo télico, o aspecto perfectivo: “Não **tenho passado** muito bem”. “A galinha **tombou** num baque surdo e lá ficou”. Vergílio Ferreira — Aparição, 137. Dizia-se nestes casos que o modo da ação confundia-se com o aspecto.

Quando o aspecto entra em conflito com o modo da ação, dizemos que é à flexão temporal que se deve a noção aspectual. Temos aqui a flexão desviando a tendência aspectual do semantema verbal: “Debruçada sôbre o lar, a mulher **deitava** um feixe de sarmentos da poda sôbre as brasas”. R. Brandão — Memórias, II, 11. Tal como os semantemas, caracterizam-se as flexões temporais por apresentarem tendências aspectuais: o presente e o imperfeito são imperfectivos, o pretérito e o mais-que-perfeito são perfectivos. O perfeito é indiferente, indicando duração se o verbo é atélico (“**Tenho pensado** muito nisso), e repetição se o verbo é télico (“**Tenho jurado** não mais ter amores”).

Papel de relêvo é desempenhado pelas perífrases, notando-se que as de gerúndios são mais persistentemente aspectuais. Em nosso trabalho são relacionadas as seguintes:

Aspecto imperfectivo

1. Inceptivo: começar a, passar a, pôr-se a, garrar a (pop), dar para, cair a, deitar a, romper a, desatar a, entrar a + infinitivo; estar, ir-se + gerúndio.

2. Cursivo pròpriamente dito: ficar a, deixar a, continuar a, estar a, ver + infinitivo; prosseguir, estar a, ir, vir, seguir + gerúndio.

3. Terminativo: acabar de/por + verbo atélico; cessar de, deixar de, terminar de, vir de + infinitivo.

Aspecto perfectivo

1. Pontual: acabar de + verbo télico + infinitivo/gerúndio.

2. Resultativo: estar, ter + participio passado.

3. Cessativo: estar + participio passado.

Aspecto Iterativo

1. Imperfectivo: andar, viver + infinitivo/gerúndio de verbo atético.

2. Perfectivo: andar, viver + infinitivo/gerúndio de verbo tético; ir + gerúndio, ser de + infinitivo; ter + participio passado do verbo tético.

Os adjuntos adverbiais acompanham a flexão do tempo na tarefa de desviar o verbo de sua tendência aspectual costumeira, desempenhando portanto também aquêlê papel descrito como conflito entre aspecto e modo da ação: “Foi a Balsa que lhe **inoculou através dos anos** de influência e mocidade a seiva que faria dela a mulher sã e formosa”. Paço D’Arcos — Ana Paula 31.

Lembrem-se por fim os tipos oracionais, de que os mais notáveis são as subordinadas condicionais-temporais, que levam sempre o verbo a indicar repetição: “Sempre que a encontro, fujo dela”.

* * *

Quais as deficiências que o método demonstrou quanto a êste campo? Acreditamos que, desviando-se nossa atenção para mais de uma noção buscada, pode suceder que algumas formas expressivas de determinada noção deixem de ser apanhadas. Por exemplo, ao longo de nosso trabalho anotamos alguns gerúndios durativos. Ao relacionar as flexões temporais e formas nominais de valor aspectual, reencontramos aquelas formas gerundiais, formulando-se em nosso espírito a indagação: não seria o participio passado, em contrapartida, expressivo do completamento? Vamos ao exemplário e constatamos que por uma dessas desagradáveis casualidades nenhum participio passado tinha sido recolhido. Faz-se necessária, pois, uma pesquisa de índole formalista, em que se investigariam os valores aspectuais das formas verbais eventualmente omitidas. Mas a abordagem formalista, nunca será demais acenuar, deve ser encarada como complementar, pelo menos no estudo do aspecto.

INTERVENÇÕES:

Prof. NELSON ROSSI

1) — Farei um reparo geral e depois algumas perguntas particulares. Insisto inicialmente nas vantagens dos métodos estruturais, universais e pancrônicos; recomendo a leitura do livro de Eugênio Coseriu *Sémantique diachronique structurale*. O Prof. Enzo parece demonstrar certo pessimismo em relação aos estudos lingüísticos no Brasil. Particularmente acho que são necessárias duas medidas: desenvolver um necessário esforço catalisador — e este Seminário em que vejo aquela unidade na diversidade e diversidade na unidade, de que falava Serafim da Silva Neto, relativamente à língua, está desempenhando esse papel. Em segundo lugar é necessário que haja uma coordenação de esforços e uma troca de informações. Há muita gente trabalhando no Brasil sem que disso fiquemos informados. Eu mesmo só vim a conhecer a revista *Alfa* aqui em Marília. Quanto ao relatório indago ao Prof. Ataliba se conhece o estudo de Angela Vaz Leão sobre *O período hipotético iniciado por se*, e os trabalhos de Gustave Guillaume.

R.) — Não consegui até esta data adquirir o livro de Angela Vaz Leão; de Gustave Guillaume conheço o ensaio "Inmanencia y transcendencia en la categoría del verbo", publicado na obra coletiva *Psicología del lenguaje* e o livro *L'architecture du temps dans les langues classiques*. Não pude servir-me desse autor porque êle cometeu como é sabido, um estudo sublingüístico, interessando-se mais pelo pensamento subjacente à expressão lingüística. Pareceu-me, em suma, um estudo menos de recursos lingüísticos que de psico-sistemática — e esta é de resto, a própria denominação que dá à sua abordagem. Além do mais, no primeiro de seus trabalhos considera o aspecto, o tempo e o modo solidários entre si, ao passo que procuro em minha contribuição contrastar essas categorias do verbo.

Prof. JOÃO PENHA

2) — Gostaria que o Prof. Enzo desse uma noção clara de onomasiologia no léxico em contraste com a sinonímia.

R.) Não existe, na verdade, contraste entre onomasiologia e sinonímia; é que a estrutura onomasiológica baseia-se na sinonímia, ao contrário da estrutura semasiológica, que se baseia na polissemia. Em outras palavras, a onomasiologia — ciência das designações — parte dos conceitos para investigar as diferentes designações — sinônimos em sentido lato — pelas quais os conceitos podem ser expressos.